

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS Uni-ANHANGUERA CURSO  
DE PEDAGOGIA**

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**DEBORA MIRANDA VOLPATO**

GOIÂNIA

Novembro/2018

DEBORA MIRANDA VOLPATO

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Centro Universitário de Goiás -  
UniANHANGUERA, sob orientação da  
Professora Especialista Cristiane Neves da Silva  
Bastos, como requisito parcial para obtenção do  
título de licenciatura em pedagogia.

GOIÂNIA

Novembro/2018

TERMO DE APROVAÇÃO

DEBORA MIRANDA VOLPATO

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL

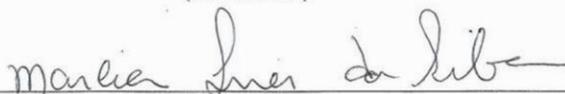
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGUERA, defendido e aprovado em 23 de Novembro de 2018 pela banca examinadora constituída por:



---

Prof. Esp. Cristiane Neves da Silva Bastos

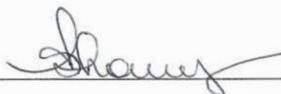
(Orientadora)



---

Prof. Ma. Marcia Inês da Silva

(Membro)



---

Prof. Esp. Liliane Chaves

(Membro)

## A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

### THE INFLUENCE OF AFFECTIVENESS IN THE LEARNING PROCESS IN CHILD EDUCATION

Debora Miranda Volpato<sup>1</sup>

Cristiane Neves da S. Bastos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Seres humanos precisam de relacionamentos afetivos para obter conhecimentos, pois, é através de relacionamentos, que se aprende o conhecimento para a vida, seja através de afetos positivos ou negativos. Segundo Freire (2003, p. 170), “a afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam medo, sofrimento, interesse, alegria”. Tendo em vista a relevância da afetividade na educação infantil, buscou-se reunir informações com o intuito de responder ao seguinte problema de pesquisa: de que forma a relação afetiva pode refletir ou contribuir na aprendizagem? Assim, o objetivo geral passa a ser investigar como a afetividade pode beneficiar ao desenvolvimento integral da criança nessa etapa da educação básica, por tanto, será discutida a influência da afetividade no processo de aprendizagem na educação infantil. Sem afeto não haveria interesse, necessidade e nem motivação, conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. Apresentando o conceito de afetividade em seus diferentes aspectos. Aprofunda-se na pontuação da LDB, BNCC sobre a afetividade. A afetividade x aprendizagem foi abordada. Trazendo as conseqüências do desafeto na aprendizagem. Tratando sobre formação do professor de educação infantil. Sendo apresentadas as considerações. Para o adequado desenvolvimento dos objetivos específicos em um texto substancial de análise e argumentação, adotou-se como recurso metodológico uma pesquisa aplicada, uma vez que utilizará conhecimento da pesquisa básica para resolver problemas, desenvolvido com um estudo exploratória de cunho bibliográfico, com base em obras de diferentes autores, que permite um maior aprofundamento sobre o tema da pesquisa. Sem a presunção de estabelecer um discurso conclusivo sobre as questões pesquisadas, contribuindo com novas reflexões e perspectivas de estudo.

**Palavras-chaves:** Desenvolvimento, Relações interpessoais, Educação.

**ABSTRACT:** Human beings need affective relationships to gain knowledge, for it is through relationships that knowledge is learned for life, whether through positive or negative affects. According to Freire (2003: 170), "affectivity is the territory of feelings, of passions, of emotions, through which fear, suffering, interest, joy travels." Considering the relevance of affectivity in early childhood education, we sought to gather information in order to respond to the following research problem: how can the affective relationship reflect or contribute to learning? Thus, the general objective is to investigate how affectivity can benefit the integral development of the child in this stage of basic education, therefore, will be discussed the influence of affectivity in the learning process in early childhood education. Without affection there would be no interest, no need and no motivation, therefore questions or problems would never be posed and there would be no intelligence. Introducing the concept of affectivity in its different aspects. It expands on the LDB score, BNCC on affectivity. Affectivity x learning was addressed. Bringing the consequences of disaffection in learning. Dealing with teacher education in early childhood education. For the adequate development of the specific objectives in a substantial text of analysis and argumentation, an applied research was adopted as methodological resource, since it will use knowledge of basic research to solve problems, developed with an exploratory bibliographic study, based on works by different authors, which allows a deeper understanding of the research topic. Without the presumption to establish a conclusive discourse on the questions researched, contributing with new reflections and perspectives of study.

**Keywords:** Development, Interpersonal relations, Education

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás-Uni-ANHANGUERA. E-mail: volpatog@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Adjunto no Centro Universitário de Goiás- Uni-ANHANGUERA. E-mail: crisnbastos@yahoo.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

Discutir a afetividade justifica-se pela necessidade de quando praticada no âmbito pedagógico unida ao processo de ensino aprendizagem em prol do desenvolvimento integral da criança de educação infantil. Para tanto, é necessário compreender o conceito de afetividade, discutir suas abordagens teóricas e apresentar seu papel na aprendizagem, onde será mencionada a importância do afeto, do desafeto e a relação afetiva que deve haver entre educando e educador. De acordo com CUNHA (2017):

É por meio do amor que se obtém a saúde mental e emocional. É em razão do amor que sabemos que se somos felizes ou não. É por sua ação que os nossos alunos são encorajados a romperem os seus limites em voos mais altos e a respeitarem voluntariamente os limites estabelecidos para a sua disciplina e aprendizagem. (CUNHA, 2017, p.16-17)

O presente trabalho partiu da necessidade de entender os diferentes aspectos relacionados à afetividade, para que os educadores, não só compreenda a exigência de assumir uma postura responsável nas suas relações com o educando, como também possam avaliar os processos de mudança necessários à manutenção do benefício da aprendizagem do indivíduo.

Por esse motivo, o estudo da afetividade na educação infantil pode ser útil para profissionais da educação que buscam melhorar o desempenho das crianças, bem como estratégias de utilização das mesmas que poderiam melhorar o processo de ensino aprendizagem, contribuindo para uma melhor aprendizagem dos educandos.

Tendo em vista a relevância da afetividade na educação infantil, buscou-se reunir informações com o intuito de responder ao seguinte problema de pesquisa: de que forma a relação afetiva pode refletir ou contribuir na aprendizagem? Ao passo que, o objetivo geral visa investigar como a afetividade pode beneficiar a aprendizagem na educação infantil, por tanto, será discutida a influência da afetividade no processo de aprendizagem na educação infantil.

Para o adequado desenvolvimento dos objetivos específicos em um texto substancial de análise e argumentação, adotou-se como recurso metodológico uma pesquisa aplicada, uma vez que utilizará conhecimento da pesquisa básica para resolver problemas, desenvolvido com um estudo exploratório de cunho bibliográfico, com base em obras de diferentes autores, que permite um maior aprofundamento sobre o tema da pesquisa. Sem a presunção de estabelecer um discurso conclusivo sobre as questões pesquisadas, contribuindo com novas reflexões e

perspectivas de estudo. Pesquisa Bibliográfica: “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL; 2010, p. 50).

Para atingir o objetivo central, deste trabalho, o texto encontra-se organizado em sete subtítulos, sendo esta introdução o primeiro deles. A próxima aborda o conceito de afetividade em seus diferentes aspectos. Em seguida, aprofunda-se na Lei de Diretrizes e Base de Educação, 9394/96, LDB e na Base Nacional Comum Curricular -BNCC sobre a afetividade. A afetividade x aprendizagem abordada na etapa subsequente. O conteúdo da quinta etapa descreve as consequências do desafeto na aprendizagem. Ao passo que o subtítulo que segue aborda, formação do professor de educação infantil. E, por fim, são apresentadas as considerações.

## **2. Metodologia**

Esse estudo teve por finalidade realizar uma pesquisa aplicada, uma vez que utilizou conhecimento da pesquisa básica para resolver problemas, desenvolvido com um estudo exploratório de cunho bibliográfico, no momento em que se fez uso de materiais já elaborados: livros, artigos científicos, revistas, dicionários, documentos eletrônicos e enciclopédias na busca e atribuição de conhecimento sobre a afetividade como influência na aprendizagem, correlacionando tal conhecimento com abordagens já trabalhadas por outros autores.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 2002, p.41)

Como procedimento, pesquisa foi realizada de forma bibliográfica, isso porque teve o uso de material já publicado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

## **3. Conceituando afetividade em seus diferentes aspectos**

O desenvolvimento humano nos mostra que a criança a partir do seu nascimento usa a emoção para a comunicação. Quando um bebê olha nos olhos da mãe ao sugar seu leite, geralmente há uma interação, um acolhimento e o bebê se sente amado. “Assim temos, no primeiro estágio da psicogênese, uma afetividade impulsiva, emocional, que se nutre pelo olhar, pelo contato físico e se expressa em gestos, mímica e posturas” (GALVÃO, 1995, P. 45). Com essa interação, a criança amplia seu conhecimento e o estimula a ter o sentimento de afeto.

Na sua definição etimológica, o afeto é neutro. Pode exprimir um sentimento de agrado ou desagrado em diferentes graus de complexão; disposição de alma, que tanto pode revelar amor ou ira. O afeto, entretanto, quando resulta da prática do amor, tornase amorosidade, atitude que se reveste em um estímulo para o aprendizado, dando clareza e entendimento à consciência. (CUNHA, 2017, p. 16)

Conforme Almeida, (1999, p.44), comenta que nesse início de vida a crianças ainda não se comunica de maneira apropriada e se apropria dos movimentos para se comunicar, portanto, as relações de afeto proporcionam à criança a aquisição do conhecimento, seja ele no andar, no falar ou na forma de comunicação. Os gestos do lactente vêm cheios de significados afetivos que, nesse início, declaro que são apenas expressões da necessidade de alimentar e do humor. Percebe-se, pois, que a afetividade manifesta inicialmente no comportamento e, nos gestos expressivos da criança. Assim afirma Almeida:

Antecipada por manifestações orgânicas, a afetividade de simples expressão motora evolui para os comportamentos mais complexos de ordem moral. Inicialmente, trata-se de uma comunicação que tem por fundamento o tônus. Sem dispor da palavra, o lactente projeta para o mundo social suas sensações por meio de gestos – descargas musculares, espasmos, reflexos – conseguindo manter com o meio próximo uma espécie de interação não verbal, de uma mímica. [...] A linguagem constitui-se pouco a pouco no meio de sensibilização da criança. Cada vez mais, o diálogo do toque vai tornando-se sem efeito e a comunicação oral torna-se um excelente mecanismo de negociação com a criança. É bastante comum perceber-se o quanto o ouvir e ser ouvido torna-se um imperativo infantil. O elogio transmitido por palavras substitui o carinho. Com o tempo, as relações afetivas se estendem para o campo do respeito e da admiração.

Seres humanos precisam de relacionamentos afetivos para obter conhecimentos, pois, é através das vivências, que se adquire o conhecimento para a vida, seja através de afetos positivos ou negativos. O Dicionário Aurélio (1994, p.20) conceitua afetividade da seguinte forma: “Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre dá impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.”

A afetividade exerce um papel fundamental nas ações de fatores sociais, psicológicos e comportamentais sobre desenvolvimentos orgânicos do corpo e sobre o bem-estar das pessoas, além de conduzir objetivamente a memória, o pensamento, a vontade, a percepção e as ações, deste modo, a afetividade demonstra ser um elemento relevante do equilíbrio e da harmonia da individualidade humana. Segundo Freire (2003, p. 170), “a afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam medo, sofrimento, interesse, alegria”.

O termo “afetividade” quer dizer característica do que é afetivo. Emprego geral, sob a qual se colocam os fenômenos afetivos, e assim conforme Almeida; Mahoney, (2014, p.17):

Refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis. A teoria apresenta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. Os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes e relutantes de suas integração: na emoções, há o predomínio da ativação fisiológica; no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole.

Segundo o estudioso Wallon (1979 apud Almeida; Mahoney, 2007, p. 18) o desenvolvimento se divide em estágios, que podem ser caracterizados da seguinte forma:

Estágio impulsivo-emocional (0 a 1 ano) — a criança expressa sua afetividade por meio de movimentos desordenados, em respostas a sensibilidades corporais dos músculos (proprioceptivas) e das vísceras (interoceptivas) e do mundo externo (sensibilidade exteroceptiva), para satisfazer suas necessidades básicas.

Estágio sensório-motor e projetivo (1 ano a 3 anos) — já dispo do da marcha e da fala, a criança volta-se para o mundo externo (sensibilidade exteroceptiva), para o contato e a exploração de objetos e pessoas de seu contexto.

Estágio personalismo (3 anos a 6 anos) — é a fase de se descobrir diferente das outras crianças e do adulto. Compreende três fases: oposição, sedução e imitação.

Os estudiosos, como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), já atribuíam importância à afetividade no processo evolutivo, mas foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962) que se aprofundou na questão da importância da afetividade no desenvolvimento cognitivo da criança. Ele defende que o processo de evolução da criança, que o contágio de alguma maneira necessita tanto da habilidade biológica do sujeito quanto do ambiente. Henri Wallon foi o primeiro estudioso a observar a criança integralmente, apontando os conjuntos funcionais (afeto, motor e cognitivo), inclusive sua emoção em sala de aula. O estudioso Wallon descreve sobre a concepção teórica do ser humano visto de forma fragmentada.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 198).

Para ele a emoção tem uma função primordial no crescimento da criança. Afirma Wallon (2007, p.117): “os domínios funcionais entre os quais vai se distribuir o estudo das etapas que a criança percorre serão, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa”. Segundo o autor a afetividade possui um papel fundamental no desenvolvimento da pessoa, pois por meio dela que o ser humano demonstra seus desejos e vontades. Através do afeto surge necessidades, interesses e motivação, conseqüentemente, também surge perguntas ou problemas a serem colocados e assim há inteligência. A afetividade não faz-se suficiente, porém torna-se atribuída como uma condição da inteligência. A afetividade também pode ser fundamentada pela

legislação brasileira, como na Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

#### **4 Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pontuam sobre a afetividade**

A Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) pontua a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, trazendo a educação como dever da família e do Estado, dever esse de pleno desenvolvimento da criança, tendo como eixo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, trata-se de aumentar as atribuições da educação para as habilidades sociais e psicológicas, privilegiando a afetividade, a convivência plural e o equilíbrio. O artigo 2º da LDB (1996, p.8), pontua que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A começar das relações estabelecidas com pessoas próximas, a criança constitui o conhecimento. O primeiro espaço de convivência, sendo na família, faz-se como um ponto de referência para a criança pequena, no qual são incorporados valores éticos, em que as experiências são vivenciadas cheias de significados afetivos, representações e expectativas (que são atendidas ou decepcionadas). Por isso sendo a educação infantil, como primeira etapa da educação básica, a escola precisa se preparar para trabalhar o desenvolvimento da criança de até 5(cinco) anos, o artigo 29 (2017, p. 22) descreve sobre a finalidade da educação infantil:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A escola constituindo-se como a primeira etapa da educação básica, ela também se apresenta como o primeiro agente socializador da criança fora das relações familiares, fazendo parte da base da aprendizagem da criança, ofertando-lhe acolhimento e condições necessárias para que ela esteja segura e protegida. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pontua a educação infantil como sendo uma das primeiras separações do contexto afetivo fora do seio familiar, como ressalta o trecho abaixo:

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada. (BNCC, 2018, p.34)

A BNCC apresenta o campo de experiências que corresponde à competência emocional da criança, que estabelece a organização curricular que integra as situações e as experiências da vida cotidiana das crianças e seus saberes.

O eu, o outro e o nós – É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos. (BNCC, 2018, p. 38)

Consequentemente, se torna necessário a presença de um educador que tenha convicção de sua importância não apenas como um simples reproduzidor da realidade corrente, mas sim como um agente transformador, com uma visão sócio crítica da realidade. Como afirma Saltini (1997, p.89)

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião.

Antes de apontar o que diz sobre afetividade os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, se faz necessário lembrar que, as crianças quando nascem são, seres sociais e históricos; cidadãos de direitos; seres competentes e produtores de cultura; indivíduos únicos, singulares e indivíduos humanos.

A qualidade não pode ser pensada exclusivamente em função do que é oferecido em cada instituição de Educação Infantil, pois depende do apoio e da orientação oferecidos pelo poder público. Dessa forma, um sistema educacional de qualidade é aquele em que as instâncias responsáveis pela gestão respeitam a legislação vigente, têm papéis definidos e competências delimitadas e apóiam financeira, administrativa e pedagogicamente as instituições de Educação Infantil a ele vinculadas. (BRASIL, 2006, p.13)

Ter uma educação infantil de qualidade, indispensavelmente, quer dizer garantir o direito da criança. Em outras palavras, proporcionar uma educação que contribua para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

As propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil promovem as práticas de cuidado e educação na perspectiva da integração dos aspectos físicos, emocionais,

afetivos, cognitivo/lingüísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível. (BRASIL, 2006, p.32)

Pretende-se que as orientações contidas nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil garantam o direito das crianças de 0 até 5 anos à Educação Infantil de qualidade. Portanto, a aprendizagem e a afetividade são de suma importância para o crescimento do indivíduo, por isso se faz importante a análise de ambos.

## **5 Afetividade x Aprendizagem**

O professor a algum tempo necessita utilizar a afetividade com um instrumento que o auxilia no processo de aprendizagem da criança, pois a cada dia aumenta a preocupação com o crescimento pleno do educando. Para isso, a criança necessita criar um vínculo afetivo com o educador, para que ela possa obter conhecimento através das relações afetivas e aprenda a viver coletivamente.

Na educação, a escola é quem melhor pode promover a vida, de vivência plena, experimentação sem desperdício, expressando o valor da coletividade na individualidade de cada um, participando do cotidiano e produzindo conhecimento por meio do afeto. (CUNHA, 2017, p.30)

O educador precisa estabelecer metas para consolidar o vínculo afetivo com a criança, para que esta sinta-se acolhida, protegida, segura e assim, o educador possa realizar o diagnóstico verificando as necessidades de cada uma, para propor metas, objetivos de aprendizagem.

Almeida e Mahoney (2007, p.65) explicita claramente sua abordagem sobre a função da afetividade como condutor do conhecimento e o educador como mediador deste processo, pelo fato de expressar que

A formação integral do indivíduo é a meta a ser alcançada. Cabe ao professor conhecer o processo de desenvolvimento e aprendizagem para ser capaz de reconhecer e atender a essas necessidades dos alunos. Ao canalizar a afetividade para produzir conhecimento, ele desempenha o papel de mediador entre o aluno e esse conhecimento, ampliando suas possibilidades de obter sucesso em suas ações.

A aprendizagem pode ser um dos meios pelo qual a criança se apropria efetivamente de conhecimentos de experiências cotidianas, e para que a criança aprenda faz-se necessário interagir, com os adultos, e com outras crianças. Na relação educador e educando pouco a pouco o saber trazido pelo professor vai sendo assimilado pela criança e o seu comportamento passa a ser, orientado por um diálogo interno que planeja

sua ação. O papel do professor neste processo passa a ser primordial, ele procura organizar condições para ocorrência de interação entre educando e objeto de estudo que leve a apreensão do conhecimento. Segundo Oliveira

(2012, p. 30 e 31): “[...]. A tarefa da educação é agir no sentido de superar ou transcender positivamente o processo de alienação a que o homem é submetido cotidianamente no campo de suas relações sociais, afetivas culturais e econômicas”.

A afetividade mostra sua importância no processo de ensino-aprendizagem, por intermédio da relação existente entre educador e educando criando vínculos, no qual a afetividade, apresenta um fator benéfico para o educando, contribuindo até na sua transformação e formação. Freire (1997, p.56), relatar a emoção do conhecer. Para ele “o que se aprende é relativo ao corpo inteiro, ou seja, as emoções e desejos, por isto que a aprendizagem não é um processo isolado, mas está lado a lado com a cognição e a afetividade”.

Podemos observar a aprendizagem e a afetividade segundo diferentes pontos de vista e, desse modo, possibilitar uma postura mais crítica sobre o que se sabe e o que falta aprender. Pessoa (2000) diz que sem afeto não existe motivação ou interesse em aprender, pressupondo, portanto, que há uma interligação entre a afetividade e cognição. Neste sentido a autora afirma que:

[...] a afetividade e a cognição se complementam e uma dá suporte ao desenvolvimento da outra. O desenvolvimento cognitivo passa de um período inicial centrado na própria ação para a construção de um universo objetal e descentrado. De forma semelhante, a afetividade evolui de uma indiferenciação entre si própria e os que rodeiam para aos poucos elaborar e construir um sentimento único e interindividual. Tanto o aspecto cognitivo como o afetivo evoluem: de início estão centrados no sujeito e nas suas próprias necessidades, para depois se dirigirem ao outro e às relações do sujeito com outros sujeitos. (PESSOA, 2000, p. 102).

Cabe ressaltar que a inteligência e a afetividade se estruturam nas ações dos indivíduos. O afeto pode ser compreendido como estímulo necessário para que a estrutura cognitiva possa operar. Tanto a afetividade como a inteligência são mecanismos de adequação permitindo ao indivíduo construir noções sobre situações diversas, pessoas e objetos, concedendo-lhe valores, atributos e qualidades. Assim, auxilia para a construção de sua identidade e visão de mundo.

A afetividade e a cognição encontram-se unidas no processo de desenvolvimento da criança, segundo Vygotsky (2000) elas não podem se separar, portanto, para que ocorra a assimilação do conhecimento precisa-se de vontade, motivação e satisfação, associada ao afeto, a emoção e o querer. Diante do exposto, observa-se que quando o indivíduo faz algo com prazer, a possibilidade de apropriação do conhecimento torna-se mais significativa, enquanto esta

mesma ação e realizada sem motivação, a aprendizagem fica somente no campo do fazer o que não combina com a vida escolar. O estudioso Vygotsky (2000, p.146) escreve que:

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial. ”

Deste modo, a afetividade está presente no decorrer da vida, nas experiências vividas. Quando a criança começa a participar da vida escolar, o papel da afetividade fica mais evidente e de sua importância na relação educador-educando. De acordo com Chalita (2001, p.23), “A habilidade emocional é o grande pilar da educação, não sendo possível desenvolver habilidades cognitivas e sociais sem trabalhar emoção, o que exige muita paciência, pois se trata de um processo continuado cujas mudanças não ocorrem de uma hora para outra”.

A afetividade tem uma grande responsabilidade em impulsionar as crianças, a progredir naquilo que já sabem e aprender coisas novas, ensinar coisas diferentes e adquirir conceitos que a levarão a ter atitudes em diversas situações que enfrentarão em toda a vida. Conforme Gómez-Chacón (2004, p.52) em seu artigo nos faz pensar quando,

Destaca a importância dada à questão sempre presente dos afetos, que atualmente é assumida e aceita por professores cada vez mais dispostos a reconhecer neles elementos de indiscutível valor e interesse no acompanhamento e na avaliação do processo ensino/aprendizagem.

Diante deste pensamento, podemos afirmar que é fundamental que se apresente a ligação entre afeto e cognição. Quando o educador consegue trabalhar com esses fatores ele pode intervir, favorecendo a solidificação e a formação de atitudes favorável à aprendizagem.

Uma criança demonstra ser capaz de se torna autônoma e confia em si, quando recebe amor, as oscilações serão possíveis, sendo assim a criança, portanto, apresenta se bem resolvida e controla as suas ações e atitudes e conseguindo assim saber o que possa a ser felicidade quando ela é amada. As manifestações afetivas constroem positivamente à autonomia, a personalidade e confiança nas práticas do educando. No que se refere à personalidade da criança Piaget afirma:

Mas, se a personalidade implica numa espécie de descentralização do eu que integra em um programa de cooperação e se subordina a disciplinas autônomas se livremente construídas, acontece que todo desequilíbrio a centralizará de novo sobre ela própria, de tal modo que entre os polos da pessoa e do eu, as oscilações serão possíveis em todos os níveis. Daí, em especial, o egocentrismo da adolescência, do qual vimos o aspecto intelectual e cujo aspecto afetivo, é ainda mais conhecido. (PIAGET, 1993, p. 66).

Para isso, a criança necessita criar um vínculo afetivo com o educador, para que ela possa obter confiança no professor e a sua permanência naquele local não se transforme em algo

doloroso. Sendo assim, torna-se indispensável conhecer as consequências do desafeto na aprendizagem da criança.

## **6 As consequências do desafeto na aprendizagem**

O Dicionário Aurélio (1994, p.212) conceitua desafeto da seguinte forma: como quem não possui ou não apresenta afeto, desafeição. Com as relações de desafeto ministrado pelos educadores e outras crianças, o educando pode apresentar dificuldades nas relações com os outros, manifestada através de um enfraquecimento emocional ou pode agravar seus sentimentos de frustração, raiva e rejeição, por meio de um comportamento agressivo.

Uma relação de desafeto não apenas prejudica a aprendizagem de algumas crianças, como também permite que tenha um certo bloqueio em seu desenvolvimento, pois a criança que apresenta dificuldade de adaptar e conseqüentemente pode influencia o processo de desenvolvimento de sua aprendizagem.

Essa socialização apresenta efeitos diretos e inevitáveis sobre o percurso escolar e profissional de cada indivíduo, ou seja, a construção social do destino escolar e ocupacional de cada indivíduo. Este é um dos fatores essenciais sobre o qual funda a construção social do destino escolar e ocupacional de cada indivíduo, ou seja, a construção social das desigualdades, cuja face perversa revela-se na história da repetência, de fracasso escolar e no futuro de subempregos cíclicos, tão generalizados em camadas populares. (FERREIRA; GARMS, 2011, p.75).

Atualmente, na educação infantil, observa-se que quando a afetividade é desprezada na aprendizagem da criança, acaba comprometendo a aprendizagem do mesmo, contribuindo para uma imagem negativa, e conseqüentemente ao fracasso escolar, sendo cada vez mais comum encontrar no contexto escolar um desafeto que prenuncia medo no educando. O medo é definido por Mutschele (2001, p.74) como “O medo é uma emoção produzida pela penosa antecipação de algum mal, pois a característica fundamental do medo está na fuga; assim quando sentimos medo de alguma coisa, sempre fugimos com medo de enfrentá-la”. Ou seja, é necessário que o educador saiba lidar com as relações de desafeto do educando sem desmerecê-lo em outras partes.

O desafeto pode estar ligado às dificuldades de aprendizagem que era associado apenas às causas físicas e psicológicas, observou-se que as causas são mais amplas, podendo ter origem em fatores afetivos, sociais, orgânicos, cognitivos e até mesmo pedagógicos.

(...) os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. Tanto

quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade. Scoz (1994: 22)

Muitas vezes as crianças que apresentam dificuldades em se relacionar se veem como incompetentes interferindo em seu autoconceito e em suas capacidades de reverter à situação. Socialmente podem apresentar comportamento de fobia escolar, isolamento, dependência, passividade e até mesmo, submissão, por se sentirem menos respeitadas e aceitas. Segundo Mutschele (2001, p.80) a criança pode apresentar sintomas como:

A fobia escolar é a incapacidade parcial ou total de frequentar a escola. Ainda que a criança não expresse medo, em quase todos os casos há manifestações dele através da ansiedade e pânico e, às vezes, por meio de sintomas como falta de apetite, náuseas, vômitos, diarreias, palidez, dores de cabeça, dor de barriga e febre.

Sendo assim, o educador precisa ter uma formação de qualidade, voltada ao atendimento destes anseios. Para melhor atender as necessidades das crianças e romper as consequências do desafeto, portanto, manifesto o valor da formação do professor de educação infantil.

## **7 Formação do professor de educação infantil**

A formação do educador de educação infantil torna-se necessária para o crescimento do educador enquanto profissional em constante desenvolvimento, ou seja, formação contínua, pois a formação inicial constitui insuficiente para abranger todas as áreas necessárias para as práticas pedagógicas, sobretudo no que diz respeito a relações afetivas.

A relação entre formação inicial e continuada, significa integrar, no próprio currículo da formação inicial, professores já atuantes, que desde logo se tornam agentes da formação dos futuros docentes. A formação inicial deve fornecer ao futuro professor uma sólida bagagem nos âmbitos científico, cultural, social, pedagógico para o exercício profissional, ao passo que a formação continuada se centra nas necessidades e situações vividas pelos docentes (VEIGA,2002, p.86).

Nessa perspectiva, a formação do educador precisa contemplar momentos entre as teorias e práticas escolares, ou seja, situações que possam gerar condições para que o futuro educador experimente em seu curso de formação possibilidade para desenvolver a autonomia profissional, e assim futuramente ser capaz de estabelecer mediações entre o universo de conhecimentos proveniente do senso comum com o do conhecimento científico em busca de novas descobertas significativas, em prol do desenvolvimento do educando. Em Kuenzer (2003, p.24):

O trabalho teórico, que por sua vez não prescinde da prática, é que determinará a diferença entre prática enquanto repetição reiterada de ações que deixam tudo como está e práxis enquanto processo resultante do contínuo movimento entre teoria e prática, entre pensamento e ação, entre velho e novo, entre sujeito e objeto, entre razão

e emoção, entre homem e humanidade, que produz conhecimento, e por isto revoluciona o que está dado, transformando a realidade.

Considera-se que a formação profissional baseia nas ações cotidianas, sendo assim, a formação continuada é fundamental para que as ações cotidianas deem lugar a um profissional consciente de suas ações. Para tanto, Altet (2001, p. 31) conclui que tanto “os professores [quanto] os formandos adquirem seu saber profissional em campo, na ação, por seus próprios meios, através de sua experiência”, nesta visão, compreende-se que as trocas de experiências são significativas nos diversos espaços de aprendizagem viabilizando o desenvolvimento de competências que configuram a trajetória da vida profissional. Consequentemente, os professores formadores apresentam sobre si a exigência da produção, socialização e construção de habilidades, conhecimentos e competências que permitam o desenvolvimento dessas qualificações. Por isso vemos a importância do estágio supervisionado na fase de formação profissional e nas formações continuadas.

a experiência vivida, o conhecimento íntimo das situações, a imersão no ofício, os estágios para observação do trabalho de colegas, as iniciativas pedagógicas testadas e as inovações, é que possibilitam aos professores o conhecimento do que é preciso fazer e de como fazê-lo.[...] O profissionalismo é constituído não só com a experiência e a prática em sala de aula, mas também com a ajuda de um mediador que facilita a tomada de consciência e de conhecimento (ALTET, 2001, p. 31-32).

Os educadores de educação infantil precisam ser profissionais preparados para contribuir de maneira significativa com a formação integral do educando, sendo capazes de mediar e despertar o interesse pelo conhecimento e desenvolvimento pessoal. No entender de Guimarães (2004, p. 32) “A atividade profissional do professor pode ser caracterizada como uma atividade de mediação não só entre aluno e a cultura, mas também entre a escola, pais e alunos, Estado e comunidade etc”.

Ainda que se observa que a formação profissional da maioria dos educadores atuantes nesta modalidade de ensino apresenta uma desqualificação profissional, isso porque esta função está sendo desempenhada nas instituições por profissionais com formação geral, o que por sua vez tende a desqualificar o processo de aprendizagem. Como bem descreve GARENHANI:

No Brasil, a formação dos professores em creches, praticamente inexistente como habilitação específica. Assinala-se que algumas pesquisas registram um expressivo número de profissionais que lidam diretamente com crianças, cuja formação não está adequadamente formada, pois esta habilitação não contempla as especificidades da educação infantil. (GARENHANI, 2010, p.188)

Até mesmo por não terem uma formação específica para atuarem na educação infantil em função da abrangência exigida pela legislação que elucida a formação do professor pedagogo para atuar na educação básica.

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017)

Nesse contexto, os educadores atuantes em educação infantil, devem investir no seu crescimento e desenvolvimento profissional, coletivo e individual, criando portanto, condições que permitam a valorização e o reconhecimento da carreira docente, tal como na afirmativa de NÓVOA (1995, p.29) “Os professores precisam reencontrar novos valores, novos idealismos escolares que permitam atribuir um novo sentido à ação docente”.

O educador precisa lidar com o conhecimento de forma que este esteja em constante formação, tendo a educação como compromisso político, repleto de valores morais e éticos, para que isso o torne um educador consciente, a aprendizagem deve fundamentar-se em situações comuns à sua prática pedagógica futura, nas quais proporcionem condições para práticas pedagógicas reflexivas.

[...] a profissão docente não pode mais ser vista como reduzida ao domínio dos conteúdos das disciplinas e à técnica para transmiti-los. Agora exige-se do professor que lide com um conhecimento em construção — e não mais imutável — e que analise a educação como um compromisso político, carregado de valores éticos e morais, que considere o desenvolvimento da pessoa e a colaboração entre iguais e que seja capaz de conviver com a mudança e com a incerteza. (MIZUKAMI et al, 2002, p. 12)

Dessa maneira, sendo necessário que o educador não seja mais visto como um assistencialista, visão formada pela sociedade por muitos anos, ainda bem arraigada na sociedade de hoje. Portanto, se faz fundamental entender que o educar-cuidar é de caráter inerente, visto que as instituições de educação infantil está sendo reconhecida como primeira etapa da educação básica. Como cita a LDB:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB, 2017, p.22)

Desta forma, o profissional nesta área, deve propiciar atividades que envolva situações de aprendizagem, e que sejam desenvolvidas de forma integral, das quais possam contribuir para o desenvolvimento de cada educando.

Desta maneira, o perfil do educador vai sendo construído baseado na sua capacitação profissional e na suas práticas pedagógicas, não desconsiderando também sua criatividade e sua relação afetiva com o educando. Deste modo, as características de proporcionar algo novo que desperte a atenção e o interesse das crianças são essenciais para que a relação educador–

educando seja significativas, voltada a responder as necessidades de aprendizagem de cada criança. Visto que, por meio da interação o educando pode comunicar-se e expressar-se durante seu processo de aprendizagem.

Consequentemente, o perfil dos educadores de educação infantil deve estar baseado na formação contínua, para assim, poder juntar teoria e prática no ensinar e o aprender, resultando na construção de um profissional capacitado e capaz de quebrar paradigmas de uma sociedade presa a preconceitos.

## **CONSIDERAÇÕES**

Durante todo o trabalho foi observado que, o afeto e o desenvolvimento cognitivo são aspectos indissociáveis que não se desenvolvem individualmente, é necessário, portanto, que a compreensão seja clara tanto para os professores e educadores, para que a formação do indivíduo aconteça sem que se perca nenhum dos dois aspectos em cada faixa etária de seu desenvolvimento das mesmas, saibam a dinâmica para que essa boa relação afetiva não se perca no momento em que ela é essencial para o desenvolvimento cognitivo. Antes mesmo da inteligência, o que nasce na criança é a emoção, pois ela se desenvolve olhando para si mesma, e a partir daí, começa a interagir com o mundo ao seu redor.

A afetividade é utilizada para referir-se a uma significação muito ampla, pois indica tudo que o indivíduo vivencia e as formas que se expressas sendo elas, completamente humana. Seria, portanto mais adequado compreender o afeto com qualidade das relações existentes entre os seres humanos e também expressão das experiências vividas por cada um, sejam elas, boas ou ruins. Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorrem, a partir das interações sociais, os indivíduos que se envolvem nesse processo trocam afeto a todo momento, pois não tem como ensinar e aprender sem se envolver.

Assim a transmissão de conhecimentos e conceitos, necessita da interação entre as pessoas e também do contato, que vem de forma explícita quando duas pessoas trocam informações para que haja compreensão de ambas as partes são necessárias que diretamente ou indiretamente, ocorra à troca de afeto, pois essa troca permitirá que os indivíduos com suas limitações se compreendam e consigam comunicar-se de forma controlada.

Educar tendo como base o afeto requer muita dedicação e participação na vida dos envolvidos. A busca por uma sala de aula tranquila e calma é investir nos caminhos afetivos de educar as crianças. Educar com amor, embasando nessa educação é a solução de muitos

problemas vividos hoje na educação. Os vários aspectos de desenvolvimento estão em interação: aspectos físicos, sociais, emocionais do crescimento e desenvolvimento, agem um sobre os outros extensa e inseparavelmente.

Mesmo considerando a relevância das relações afetivas e dos fatores emocionais na aprendizagem, o objetivo da atuação da escola, não propriamente dito, seja resolver dificuldades nesta área e sim, proporcionar a aquisição do conhecimento. Na verdade, cabe à escola pleitear-se por favorecer um ambiente seguro e estável, onde os educandos sintam-se bem, pois nestas condições as atividades empregadas são facilitadas.

O estudo da literatura mostrou que a afetividade foi estudada sob diferentes pontos e destacou-se múltiplos aspectos, de acordo com o interesse do pesquisador e as perspectivas da época. Porém, agora, há fatos novos bastante poderosos para provocar mudanças na aprendizagem da criança.

Os vários textos comentados deixam claro que a afetividade influencia na aprendizagem conforme as relações educador-educando. Entre as razões para se comunicar com os demais cientistas, a ganho de reações dos pares a uma pesquisa e o estabelecimento da preferência científica são, talvez, mais fortes para o pesquisador que a própria necessidade de obter informação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; Mahoney, Abigail Alvarenga (orgs.). **Afetividade e aprendizagem: contribuição de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção em sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

ALTET, Marguerite. As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In. ALTET, Marguerite; CHARLIER, Eveline; PAQUAY, Léopold; PERRENOUD, Philippe. **Formando professores profissionais. Quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre: ARTMED, 2001.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF- Volume 2

\_\_\_\_. Ministério da Educação. **LEI 13.415/2017**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm) Acesso em: 01/11/2018.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e Aprendizagem: Relações de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2017, p.16-17.

CHÁCON, Inês Gomes Maria. Revista Pátio - **pedagógica**, ano VIII, N° 29. RJ, 2004

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira. 1 cd-rom. 1994.

FERREIRA, L. A. M; GARMS, G.M.Z. **Educação infantil e a família- perspectiva jurídica desta relação na garantia do direito à educação**. Porto Alegre:IBDFAM: Letras & Vida, 2011.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro. Teorias e práticas da educação física**. São Paulo. Scipione. 2003

- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1997.
- GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes 1995.
- GARANHANI, M. C. **A docência da educação infantil**. In: SOUZA, G. de. (org) *Educar na Infância: perspectivas histórico-sociais*. São Paulo: Contexto, 2010
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- \_\_\_\_\_, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas 2010.
- GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de professores: Saberes, identidade e profissão**. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- KUENZER, Acácia Z. **Competência como Práxis: Os Dilemas da Relação entre Teoria e Prática na Educação dos Trabalhadores**. Boletim Técnico do SENAC, Rio de Janeiro, Vol. 29, nº1. jan/abr., 2003.
- LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em:  
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil#a-educacao-infantil-na-base-nacionalcomum-curricular> Acesso em: 26/08/2018
- MIZUKAMI, Maria da Graça N. et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.
- MUTSCHELE, Marly Santos. **Problemas de aprendizagem da criança**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- NOVOA, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora: São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Magistério 2º grau). Série Formando Professor.
- OLIVEIRA, Zilma de M. (org.). **A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- PESSOA, Vilmarise Sabim. **A afetividade sob ótica psicanalítica e Piagetiana**. Publicatio UEPG, Ciências Humanas, n. 8, v. 1, p. 97-107, 2000. Disponível em:  
<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/12>>. Acesso em: 14/10/2018.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 19 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar, o problema escolar e de aprendizagem.** Petrópolis: Vozes, 1994

VEIGA, Ilma Passos A. **Professor: tecnólogo de ensino ou agente social.** In: AMARAL & VEIGA (Coord.). Formação de professores: políticas e debates. Campinas, SP: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo, Martins Fontes, 2007.